



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

EDITORIAL

EDUCAÇÃO-CIÊNCIAS NO BRASIL: AS DORES DO NOSSO TEMPO, A RESISTÊNCIA NECESSÁRIA

Education-sciences in brazil: the pains of our time, the necessary resistance

Talvez eu esteja aqui com você, com vocês, com um outro, com outros, ainda que poucos, em busca de uma intervenção, pequena que seja, ou mesmo que não seja, mas apontando para essa direção como muito do que tenho tentado fazer. Talvez eu assuma aqui diversos pontos de vistas, inclusive, os de meus piores inimigos, desde os quais também falo para tentar retirar suas armas, desarmá-los, ao expô-las.

[...]

Eu insisto no que me é necessário, eu insisto no impossível e na insistência, eu insisto na necessidade do impossível da insistência. Eu insisto nisso que o meu tempo requer. Aqui, escrevo, talvez, como Josefina, com minha voz se confundindo com as vozes de uma incerta comunidade, com as vozes de um povo incerto que está por aí, com as vozes de uma imaginação pública, com minha voz praticamente se confundindo com outras vozes quaisquer que me tomam.

Que essas vozes quaisquer se confundam em mim

com outras que se destacam,
mas que igualmente me tomam
em uma superposição de vozes
para mim necessária.
Alberto Pucheu (2020)

Abrimos o vol. 02, n. 02 da Revista Geadel com uma provocação na forma de poema escrita por Pucheu para a revista *The Cult*, publicada *on-line* e impressa, em maio de 2020. Nesse poema, o autor narra a triste história do governo do/no Brasil. A nossa democracia sendo constantemente atacada, desvalidada, desqualificada por atos autoritários e medidas desumanas do atual governo e obtém o apoio de uma parcela da população. Em longas e tensas estrofes, Pucheu nos convida para uma reflexão cuidadosa, para a inquietação que move muitos dos cidadãos brasileiros. Apesar das tragédias, dos golpes, dos crimes sem solução, da ditadura cada vez mais próxima de nossas vidas, o autor conclama que devemos e precisamos insistir. Insistir na (con)vivência. Insistir que essa necropolítica (MBEMBE, 2016) instaurada deve ter fim. Insistir em ouvir, respeitosamente, os outros. Insistir em ouvir os nossos “inimigos”, porque é na insistência que conseguiremos resistir e provocar uma mudança social.

Mbembe (2016) argumenta que a soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de alguém poder ditar quem pode viver e quem deve morrer. Essa soberania exerce o controle sobre a mortalidade e define a vida como a manifestação de poder. A necropolítica, nessa perspectiva, subjuga a vida humana ao poder da morte e, dessa forma, reconfigura, de modo intenso, tenso e conflituoso, as relações entre resistência, sacrifício e terror (MBEMBE, 2016, p. 146).

Sacrifícios e terror são dois itens lexicais – e palavras reprodutoras de ideologias – que entram em conflito a depender de quem usa. Para os que se encontram no poder, pode significar que vale o sacrifício de perder algumas vidas em prol da economia, para outros, usar máscara é um sacrifício necessário por proteger não somente a quem usa, mas ao conjunto da sociedade. O necropoder (MBEMBE, 2016), a nosso ver promovido pelo atual governo, insiste no negacionismo à ciência, na necroeducação (LIBERALI, 2020) como forma de ditar quais valores e crenças precisam ser passados a alunos – no caso de situação escolar – como se isso não fosse ideológico (lembremo-nos da ação Escola sem Partido); o bolsonarismo, como uma das ações da necropolítica, promove o descrédito das ciências, dentre elas das ciências humanas, com práticas de censura, desvalorização da pesquisa e combate à liberdade de produção intelectual/artística, considerando que qualquer promoção de políticas de diversidade tem de ser combatida, interpretada como, estritamente, uma política de esquerda.

Esses discursos têm encontrado intervenção. Não há como negar que a língua(gem) é viva e, como tal, move-se diante dos acontecimentos da sociedade. Por esse motivo, Rajagopalan (2020) nos convida a refletir sobre o que estamos falando diante do atual contexto social em que vivemos. Em uma sociedade complexa e (super)diversa como a do Brasil, procurar encorajar a população a ter “consciência social” (RAJAGOPALAN, 2020) é mais uma forma significativa de levar educação ao povo e isso passa pela noção de responsabilidade coletiva que sobrepõe o individualismo, o discurso de ódio, a intolerância com o(s) outro(s).

A escuta ativa e responsável de propor caminhos que tratem a educação como forma de promover uma “consciência social” é apresentada nos artigos que compõem este segundo volume. No primeiro artigo, **DOIS RIOS E O MUNDO DE LENIZA E DOS ESPAÇOS DO RIO DE JANEIRO EM A ESTRELA SOBE, DE MARQUES REBELO**, as autoras Cyndi Oliveira Moura e Claudia Vanessa Bergamini propuseram investigar, por meio de uma revisão bibliográfica, as relações possíveis entre a cidade do Rio de Janeiro e a personagem principal do romance *A estrela sobe*, de Marques Rebelo. Publicado em 1939, apresentando os caminhos percorridos por Leniza em sua escalada social, cujo preço é sua decaída moral. Para as autoras, a análise levou a considerar que o autor, Marques Rebelo, realiza esse feito a partir da utilização de uma linguagem que contempla elementos essenciais que possibilitam considerar a cidade em que o enredo se desenvolve, representada pelas subjetividades das personagens do livro em questão.

Ricardo Cortez Lopes, no segundo artigo intitulado **O REFORÇO ESCOLAR INFORMAL EM SOCIOLOGIA NA ECONOMIA GIG: EXPLORATÓRIO SOBRE A INFLUÊNCIA NO VALOR DA HORA/AULA**, observa e discute que há um mercado de professores que trabalham sem vínculo formal a instituições e a alunos, configurando-se a relação apenas por demanda e com a finalidade de reforço escolar. Ademais, para o autor, considerando a ascensão da internet, as formas de trabalho professoral, sem vínculos formais com alunos e espaços empregatícios, ampliou-se para espaços online, na chamada economia GIG, caracterizada pela contratação de serviços pontuais, sob demanda. Assim, o estudo de Lopes procurou pesquisar o valor hora/aula proposto pelos professores que oferecem reforço escolar em sociologia em determinadas plataformas de professores e, identificou nos resultados, que a variável que influenciou para a contratação foi a própria plataforma.

O terceiro artigo escrito por Ronald Muniz Dantas Júnior, Mylena da Silva Pereira, Raynara Kamila Targino da Silva e Paula Tatiana Silva-Antunes, intitulado **UFAC EM TEMPOS DE COVID-19: MULTILETRAMENTOS NA PRÁTICA DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL** apresentou uma descrição analítica sobre o enfoque dado aos multiletramentos na disciplina “Texto e Ensino: Oralidade e

Escrita”, no curso de licenciatura em Letras: Inglês, durante o Ensino Remoto Emergencial da Universidade Federal do Acre. Para tanto, os autores realizaram uma breve contextualização do surgimento da Covid-19 em âmbitos global e local e a consequente suspensão das aulas presenciais que acarretou o uso de plataformas *online* para viabilizar o ensino remoto. No contexto da pesquisa que deu origem ao texto em tela, os autores analisaram excertos do Plano de Curso da disciplina em foco, bem como uma atividade de leitura crítica proposta em aula a partir da ótica de multiletramentos. Concluíram que a adoção eficaz de práticas multimodais no ensino possibilita a formação de um cidadão mais crítico, capaz de compreender diferentes contextos sociais e, conseqüentemente, posicionar-se diante deles.

Em **CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE UM ALUNO TRANSGÊNERO ADOLESCENTE EM UM CURSO DE INGLÊS**, o autor Glauco Augusto de Souza discute a constituição identitária de um aluno transgênero de 14 anos em um curso de inglês. Trazendo o conceito de Agência, articulado com a Teoria da Atividade Sócio-Histórico Cultural (TASHC), que enfatiza que o aprendizado humano, com base em Vygotsky (1930), Leontiev (1977) e Engeström (2011) se dá na relação e na interação com o outro em contextos mediados pela linguagem. Souza observou, a partir da análise de dados, obtidos por meio de diálogos tecidos entre o aluno focal e o professor-pesquisador, identificar como a natureza colaborativa da atividade humana colaborou para compreender as mudanças organizacionais entre os sujeitos.

O quinto artigo proposto por José Manuel Ribeiro Meireles, com o título “**A ESCOLA NUNCA VAI ENTENDER A COMUNIDADE... SERÁ QUE A COMUNIDADE ENTENDE O SIGNIFICADO DA ESCOLA?**”, o autor apresenta uma análise da educação escolar desenvolvida entre o povo indígena Krahô e discute as dificuldades do entendimento entre o que propõe a educação formal e as demandas de duas comunidades Krahô. Meireles discute a relação do conhecimento tradicional e do chamado conhecimento universal nas escolas krahô, como também a expectativa dos sujeitos Krahô jovens e idosos a respeito da instituição escolar, além de estabelecer uma comparação entre as escolas de Ensino Médio nas comunidades Krahô e as escolas do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas. Ao refletir sobre as alterações culturais e interferência na identidade krahô ocorridas após a implantação do Ensino Médio nas aldeias, o autor aponta algumas conseqüências dessas interferências para os sujeitos indígenas em foco.

O sexto e último artigo deste volume, **GÊNERO DIGITAL MEME COMO FERRAMENTA MULTIMODAL DE ENSINO**, de autoria de Fagner Menezes de Oliveira, Giovanna Santos de Souza, Larissa Fernanda Crispim Santana e Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira, propõe fazer uma análise teórica da utilização do gênero digital *meme* como ferramenta multimodal de ensino no meio educacional. Traçando uma abordagem teórica de concepções acerca de gênero (BAKHTIN, 2003), sentido (KOCH,

2003), letramentos e multiletramentos (ORLANDO; FERREIRA, 2013), os autores analisaram as possibilidades de utilização dos *memes* como elementos auxiliares, tanto para a interpretação textual, quanto para a formação do pensamento crítico dos alunos enquanto leitores. A análise apontou que, ao se incorporar os gêneros digitais nas relações sociais estabelecidas dentro e fora do ambiente escolar, é possível proporcionar práticas de multiletramentos explorando os diversos meios semióticos no processo de ensino-aprendizagem (ORLANDO; FERREIRA, 2013).

A resenha **PRODUÇÃO DE TEXTO EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: ESTRATÉGIAS PARA A ESCRITA ACADÊMICA**, escrita por Danyelle Maia e Francisco Mateus Souza, teve como objetivo fazer reflexões acerca do segundo volume da Coleção Escrever na universidade, de autoria de Francisco Eduardo Vieira e Carlos Alberto Faraco. Tal coleção é composta por três volumes: o primeiro, *Fundamentos*, foi publicado em 2019, mesmo ano de publicação do segundo, *Texto e discurso*. O terceiro volume, *Gramática do período e da coordenação*, teve sua publicação no ano seguinte, 2020, e o quarto, *Gramática da subordinação e da norma de referência*, ainda está no prelo. A coleção inteira é editada e publicada pela Parábola Editorial. As submissões apresentadas neste volume configuram-se em contínuos de persistência. Os autores propõem instigantes reflexões possibilitando novas formas de ver, falar e pensar o mundo.

Nesse ínterim, insistimos que a Educação – em suas diferentes formas, traços e nuances – e as ciências no Brasil refletem de algum modo, as dores do nosso tempo. Ao serem atacadas por ideologias específicas, concretizadas em políticas reacionárias e de morte – em sua necropolítica – movimentaram-se em ações de resistência; conclamaram os educadores de todo o país, bem como outros diferentes cidadãos para a reflexão e a ação prática de repúdio a políticas de morte. Na tentativa de desqualificar a educação e as ciências, políticas bolsonaristas provocaram, ainda que em uma parte da população brasileira, reações que romperam as fronteiras da visibilidade e da invisibilidade. É preciso insistir-resistir-expandir (OLIVEIRA, 2021) e continuar a desenvolver projetos que articulem uma educação como prática de liberdade na incessante busca do inédito-viável freireano.

Por fim, neste triste momento em que testemunhamos em **26 de julho de 2021**, mais de **550 mil mortes por Covid-19 no Brasil**, devido ao discurso de ódio, convidamos a todas, tod@s, todes e todos à leitura dos textos do vol. 02, n. 02 da Revista Geadel, bem como a resistir à atual necropolítica que violenta a vida em todos os níveis; se o combate aos sujeitos se resumem – na atuação contra à (super)diversidade, no desmantelamento da educação pública e gratuita, na omissão dos dados (...) referentes à pandemia e na

promoção de políticas de desmatamento, de armamento, de guerra –, propomos que tenhamos ações contrárias a isso tudo para que, como nos insiste Pucheu (2020), possamos insistir no amor à vida.

Universidade Federal do Acre – UFAC, Rio Branco-AC, 26 de julho de 2021.

Grassinete C. de A. **OLIVEIRA** (GEADEL/UFAC)¹
Shelton **SOUZA** (GEADEL/UFAC)²
Maristela Alves de Souza **DINIZ** (GEADEL/UFAC)³
Aline **KIELING** (GEADEL/UFAC)⁴

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

LIBERALI, F. C. Construir o inédito viável em meio a crise do coronavírus – lições que aprendemos, vivemos e propomos. [Orgs.] Liberali, Fernanda Coelho *et al.* **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2020. p. 13-22.

PUCHEU, A. **Poema para a catástrofe do nosso tempo**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/poema-para-catastrofe-do-nosso-tempo/>. Acesso: 24 jul. 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: N-1 edições, 2016.

¹ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2765-8705>; grassinete.albuquerque@ufac.br

² Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>; shelton.linguista@gmail.com

³ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9841-3847>; malvesdiniz1@gmail.com

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre e Bolsista CAPES Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5993-5834>; alinekjuliano@gmail.com

NOBLE, D. M.; LAFIN, G. C.; TEIXEIRA, M. T. Linguagem e sociedade em tempos de isolamento. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p. 1-5, 27 jun. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1424>. Acesso: 24 jul. 2021.

OLIVEIRA, G. C. de A. O cenário da resistência frente à Necropolítica e Necroeducação vivenciada no Brasil. [Orgs.] OLIVEIRA, R. M. *et. al.* **Revista The ESpecialist**, vol. 42, n.1, 2021, p. 1-7. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/55111>. Acesso: 24 jul. 2021.

RAJAGOPALAN, K. Linguagem e sociedade em tempos de isolamento. Conferência apresentada por Kanavillil Rajagopalan. [s.l., s.n], 1 vídeo (1h17min59s), 2020. Publicado pelo canal do Associação Brasileira de Linguística, no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g-vEw5u4V3M>. Acesso: 22 jul. 2021.